



Formative assessment in the classroom: the dialogue between teachers and students

Avaliação formativa na sala de aula: o diálogo entre docentes e discentes

Evaluación formativa en el aula: el diálogo entre profesores y alumnos

Igor Tairone Ramos dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1796-2401>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

E-mail: ramosdossantosigortairone@gmail.com

Denise Aparecida Brito Barreto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3448-5109>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

E-mail: deniseabrito@gmail.com

Claudia Vivien Carvalho de Oliveira Soares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3448-5109>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

E-mail: claudiavivien@uesb.edu.br

ABSTRACT

This article aims to discuss Formative Assessment as a relevant tool for the enhancement of teaching-learning from the perspective of a teacher and 10 (ten) students of a fourth-year class of the Integrated Modality of the Federal Institute of Bahia campus Vitória da Conquest. Based on authors such as Perrenoud (1999), Luckesi (2005) and Guerra (2017) we conducted a qualitative exploratory research, with data production based on objective questionnaires and semi-structured interviews. We could perceive through the analysis of the data produced that Formative Assessment enhances teaching-learning and promotes the improvement of teaching practice, generating a collaborative learning environment, through the interaction between teachers and students, even improving the relationship between all involved in the educational process.

Keywords: Evaluation; Formative assessment; Teaching-learning; Didactics.

RESUMO

Este artigo objetiva discutir a Avaliação Formativa como uma ferramenta relevante para a potencialização do ensino-aprendizagem a partir das perspectivas de uma docente e 10 (dez) discentes de uma turma de quarto ano da Modalidade Integrada do Instituto Federal da Bahia

Received: 02 NOV 2020 | **Reviewed:** 15 NOV 2020 | **Accept:** 21 NOV 2020 | **Published:** 04 DEC 2020

How to cite: Santos, I. T. R., Barreto, D. A. B., & Soares, C. V. C. O. (2020). Formative assessment in the classroom: the dialogue between teachers and students. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 1(1), e11483.

<https://doi.org/10.20952/jrks1111483>

***Corresponding author:** Denise Aparecida Brito Barreto. **E-mail:** deniseabrito@gmail.com

campus Vitória da Conquista. Com base em autores como Perrenoud (1999), Luckesi (2005) e Guerra (2017) realizamos uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, com produção de dados baseada em questionários objetivos e entrevista semiestruturada. Pudemos perceber através da análise dos dados produzidos que a Avaliação Formativa potencializa o ensino-aprendizagem e promove melhoria da prática docente, gerando um ambiente de aprendizado colaborativo, através da interação entre docentes e discentes, melhorando, inclusive, o relacionamento entre todos os envolvidos no processo educativo.

Palavras-chave: Avaliação; Avaliação formativa; Ensino-aprendizagem; Didática.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar algunas discusiones sobre la intensificación del trabajo docente en el contexto de la comercialización de la educación superior en Brasil, a partir de los análisis que hemos podido elaborar hasta el momento de su redacción. Se trata de un estudio realizado a partir de la discusión de datos proporcionados por el Instituto Nacional de Investigaciones Estadísticas Anísio Teixeira (INEP), con el marco temporal de 2008 a 2018. Los análisis se basaron en: a) el número de profesores que trabajan en Brasil; b) la tasa de crecimiento; c) la relación entre docente y matrícula; y d) el tipo de vínculo institucional. Los resultados muestran la intensificación del trabajo y el avance en relación a la precariedad de los vínculos con las instituciones de educación superior.

Palabras clave: Evaluación; Evaluación formativa; Enseñanza-aprendizaje; Didáctica.

INTRODUÇÃO

Ensinar e aprender são terminologias basilares do que nos conforma numa organização social, ou seja, se tratam de condições sine qua non da formação da nossa vida como seres no mundo, tanto na antiguidade, quanto contemporaneamente. Porém, embora ensinar e aprender façam parte de todos os aspectos de nossa vida enquanto seres sociais nos atentaremos, neste artigo, pensar essas ações dentro da escola, espaço onde professores, alunos e comunidades interagem e trocam conhecimentos de variados tipos, sejam estes subjetivos, a exemplo de valores sociais e culturais, ou tradicionais do currículo escolar, por exemplo, inglês e matemática.

Ademais, o conhecimento tradicional que aprendemos na escola, em geral, é aferido por um rito que comumente chamamos de avaliação, que na maior parte das vezes é realizada por testes e provas escritas, classificadoras através de notas objetivas. No entanto, tal processo cria hierarquias na sala de aula entre os alunos, classificando-os como mais ou menos capazes, resultados obtidos pelas notas anunciadas. Esse tipo de avaliação, também, muitas vezes desestimula a continuidade dos discentes em seus estudos e na escola, levando-os inclusive à evasão escolar. Desta forma é importante pensar num mecanismo avaliativo que estimule o estudante a melhorar seus conhecimentos, bem como lhe confira estímulos a permanecer no ambiente escolar.

Para pensar sobre essa perspectiva de avaliação guiamo-nos pela Avaliação Formativa que se trata de um tipo de avaliação na qual o aluno não tem somente o seu conhecimento avaliado ao fim do período letivo, mediante atribuição de notas e de sistemas classificatórios e hierarquizantes dentro da sala de aula, mas enquanto um processo em que o aluno aprenderá durante a sua realização (Perrenoud, 1998). Não basta lançar questionamentos restritivos e procurar analisar os discentes de maneira pontual, todavia, é necessário que o professor consiga observar o desempenho dos seus alunos com base em diferentes habilidades.

A Avaliação Formativa não se relaciona somente ao professor, tal modelo de avaliação oferece a condição de induzir os alunos a adquirirem experiência para se autoanalisarem e conseguirem independência no seu processo de construção do aprendizado, de modo que

tenham conhecimento dos pontos que necessitam fortalecer, percebendo seus erros e acertos, amparados em um processo interativo entre docentes e discentes. Desta forma, a avaliação formativa promove cooperação dentro do ambiente escolar, onde todos necessitam participar, sejam esses alunos, professores, família e toda a comunidade, visto que é importante modificar a cultura de avaliações no país.

Avaliação Formativa não é tarefa fácil, pois de acordo com Camargo (2013) ainda existe uma debilidade muito grande na formação de professores para lidar com aspectos de avaliação, bem como sobre questões particulares que formam o currículo e a escola, que estão muito além da relação professor/conteúdo/aluno. Esse modelo de avaliação mobiliza diversos aspectos da vida dos estudantes, mas dentre esses o mais importante é a necessidade da interação com o ambiente de aprendizado como um todo. Por isso, um dos meios com mais destaque nos dias de hoje para promoção da interação é a Tecnologia Digital.

Para desenvolver este artigo, foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, cujos dados foram coletados por meio de aplicação de questionários objetivos e realização de entrevista semiestruturada, após observação de 4 (quatro) aulas em uma turma de quarto ano do curso de Informática na Modalidade Integrada, do Instituto Federal da Bahia. O questionário foi aplicado a 10 (dez) alunos, na referida turma, que participaram da pesquisa de forma voluntária, respondendo às perguntas que procuravam apontar as suas percepções sobre os procedimentos avaliativos realizados pela docente, bem como suas dificuldades em tais avaliações. A entrevista semiestruturada, por sua vez, foi realizada com a docente para que esta expusesse seu ponto de vista sobre avaliações, bem como os procedimentos avaliativos que lança mão durante o ano letivo, além de sua opinião sobre a Avaliação Formativa. No decorrer do texto a docente está identificada como Caractere, pois, por questões éticas seu nome real foi ocultado.

O ENSINO E A AVALIAÇÃO

Não há como tratar sobre avaliação no espaço escolar sem problematizar a sala de aula e o processo de ensino-aprendizagem. O conceito de aprender é muito amplo, no entanto, como uma definição simples de Fonseca (2008) podemos citar que aprender é um processo de assimilação de conhecimento, em que se pode adquirir tal conhecimento brincando, ou até mesmo numa fórmula matemática envolvendo alto nível de complexidade.

Haja vista que aprender é o método de assimilar conhecimento, ensinar, por sua vez, de acordo com Fonseca (2008), é ministrar o conhecimento para que esse seja aprendido, mediante uma relação que não deve ser mecânica, mas recíproca dentro do ambiente onde ocorre. Em se tratando da sala de aula, o professor precisa se comportar como sujeito mediador e facilitador desse procedimento. A sala de aula é um ambiente compreendido como símbolo do processo de ensino-aprendizagem e vai além da estrutura física, que é composta de paredes, cadeiras, quadro negro e alunos em busca de conhecimento.

É importante destacar que o ensino e a aprendizagem devem capacitar o indivíduo de diversas formas, ao invés de lhe prover somente conhecimentos objetivos e teóricos de determinada disciplina. Ao fim do seu período educacional, o indivíduo deve estar capacitado para transitar socialmente em diversos grupos, bem como possuir conhecimentos subjetivos que não sejam unicamente os que prezam o currículo tradicional das disciplinas específicas do currículo escolar (Biesta, 2013).

A sala é um espaço onde há interação entre os sujeitos, na busca de construção do aprendizado. De acordo com o que preconiza Vygotsky (1994),

é importante perceber que como o aluno se constitui na relação com o outro, a escola é um local privilegiado em reunir grupos bem diferenciados a serem trabalhados[...] Portanto, para Vygotsky, a sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a

construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino-aprendizagem. Pode-se dizer também que o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor-aluno (apud Lopes, 2009, p. 11).

As relações em sala de aula são, portanto, multilaterais e a relação entre professor e aluno é um elo muito importante para o “aprender”. Para além dos sociólogos, filósofos e estudiosos mais tradicionais como Durkheim — que defendem o processo do ensino-aprendizado como proveniente de uma interação unilateral que parte de alguém que saiba mais, nesse caso o professor, para um que sabe menos, no caso, o aluno — as relações dentro da sala de aula, na verdade, vão além desta definição (Lopes, 2009).

Muitas vezes, quando se fala em sala de aula ou construções tradicionais de ensino já pensamos em avaliações, testes provas e outros mecanismos, mesmo a educação não se restringindo a isto. A avaliação não surgiu paralelamente à sala de aula, pois o ato de avaliar passou por uma evolução até chegar ao ambiente do ensino-aprendizagem como conhecemos hoje.

Com o passar do tempo as instituições aperfeiçoaram seus métodos, traçando seus objetivos e definindo suas diretrizes para realização de avaliações. Porém, o modelo que vigora atualmente é o dito tradicional com a realização de testes e provas escritas, com uma nota numérica atribuída ao final (Melo & Bastos, 2012). Na estrutura educacional brasileira, os conteúdos são ministrados durante blocos de dois meses ou três, chamados de unidades, bimestres ou trimestres, a depender do padrão da instituição e, ao fim de cada um, é realizada uma atividade para avaliar o aprendizado dos alunos com o objetivo de atestar se o conteúdo foi ou não aprendido. Esta atividade é comumente conhecida por “avaliação” e tal conceito é amplo, mas nos atentaremos à definição de avaliação como

um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático (Santanna, 1995, p.31-32).

Assim, observamos que esse conceito de avaliação basicamente se constitui como um artifício de investigação da prática docente, necessariamente partindo do professor em direção ao aluno. Um dos objetivos seria, então, identificar possíveis problemas no processo de ensino-aprendizagem, sanando algumas dificuldades que podem ocorrer em sua realização.

As Leis de Diretrizes e Bases da Educação — LDB n.º 9.394/96, que legislam sobre a Educação Básica, passaram por diversos ajustes e modificações. Tal documento é vinculado à Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988, e estabelece regulamentações ao sistema educacional, seja ele público ou privado e aborda a avaliação da aprendizagem da seguinte maneira:

Art. 24. Parágrafo V. A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos[...] (Brasil, 1996, p. 18).

Podemos observar que há utilização de termos como “verificação do aprendizado” e “aproveitamento de estudos”, ressaltando a conexão da avaliação com o ensino-aprendizagem, e tal legislação estabelece que deve haver um processo de recuperação, com um novo exame sendo realizado, se não foi alcançado pelo aluno o rendimento estabelecido como desejável para o período letivo estabelecido.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

Existem vários tipos de avaliação, além da diagnóstica, que são as avaliações mais tradicionais e objetivas como conhecemos e, geralmente, elas são realizadas em formato de provas e testes, escritos ou orais, que avaliam o conhecimento dos alunos com notas e conceitos. Além dessas avaliações existe a Formativa que, de acordo com Haydt (1997, p. 292-293), classifica-se como uma avaliação que

[...] pode contribuir para o aperfeiçoamento da ação docente, fornecendo ao professor dados para adequar seus procedimentos de ensino às necessidades da classe. A Avaliação Formativa pode também ajudar a ação discente, porque oferece ao aluno informações sobre seu progresso na aprendizagem fazendo-o conhecer seus avanços, bem como suas dificuldades, para poder superá-las [...].

Retomando nossa perspectiva sobre a Avaliação Formativa notamos que no modelo anterior, por mais que os alunos passem por todo esse processo, envolvendo questões comportamentais, a perspectiva formativa de avaliações retira os holofotes do professor, deixando esse sujeito de ser o centro do contexto educativo em sala para conferir ao aluno o protagonismo em seu próprio aprendizado.

Isso pode ser feito por meio da seguinte sequência: compartilhar o objetivo com aprendizes; demonstrar aos estudantes a evolução de seu processo de aprendizagem mediante discurso; conferir feedback dos alunos e estimular no próprio estudante a sua capacidade de auto feedback. Contudo, é importante perceber que a Avaliação Formativa não refere somente prover essas informações ao estudante, mas conferir-lhe ferramentas para que esse trabalhe na melhoria do seu aprendizado (Varier, 2015).

Teoricamente, podemos centralizar a perspectiva que embasa a Avaliação Formativa nas teorias construtivistas, em especial, nos atentaremos à noção de Jean Piaget para explicar esse contexto. Piaget (2003) percebia o aprendizado como um estágio de constante desenvolvimento em direção à construção final do que foi aprendido, não existindo para o referido autor uma noção de conhecimento pronto e acabado, mas enquanto resultado de diversas interações do meio com a figura do sujeito e desse com o ambiente em que vive.

Para Perrenoud (1999), o sistema tradicional de avaliações se configura como um modelo que separa a figura docente dos alunos e cria uma hierarquia que distancia os sujeitos da construção da educação, além de legitimar as já existentes hierarquias sociais, consolidando a divisão de classes. O autor destaca, ainda, a necessidade de transpor esses modelos, fazendo com que a avaliação aconteça de maneira a produzir conhecimento e se converta num mecanismo de construção do saber de maneira conjunta, em que ambos, professor e alunos, participem desse processo. Para tanto, precisam deixar de lado as estruturas tradicionais que punem e julgam, para adotar aquelas que possam formar sujeitos com consciência crítica de sociedade e capazes de se tornarem livres e independentes em sua aprendizagem, ideias essas que o referido autor aborda ao tratar de Avaliação Formativa (Perrenoud, 1999).

A Avaliação Formativa, nesse caso, diferencia-se da diagnóstica porque trabalha com uma perspectiva diferente, preocupando-se mais com o construir do aprendizado estudantil em direção a um resultado satisfatório do que com a sua mensuração genérica e objetiva. Perrenoud (1999) cita que existem três pressupostos que são o tripé da Avaliação Formativa,

sendo respectivamente: a autorregulação da aprendizagem, a regulação da aprendizagem e o feedback.

Por meio da autorregulação da aprendizagem o aluno se torna capaz de gerir seus próprios projetos, tendo clareza de suas metas e superação dos seus obstáculos. Este é um processo em que o aprendiz deixa de ter o protagonismo do professor para que o estudante perceba seus próprios erros e aprenda com eles, obtendo resultados melhores a curto e a longo prazo (Perrenoud, 1999). Aqui, os sujeitos planejam suas metas e procuram alcançá-las e, “para isso, é preciso que a aprendizagem se fundamente na reflexão consciente sobre a compreensão do significado dos problemas que surgem, decidindo as ações numa espécie de diálogo do sujeito consigo mesmo” (Abrahão, 2008, p. 04). É importante citar que um fator muito importante nesse aspecto é a motivação e a possibilidade de a Avaliação Formativa retornar um resultado imediato, o que se torna um fator preponderante para a autorregulação da aprendizagem.

Por sua vez, a regulação da aprendizagem

é o termo utilizado em referência aos processos específicos que visam criar, implementar e ajustar estratégias de ensino às aprendizagens dos sujeitos. A regulação tem como objetivo contribuir diretamente para a progressão das aprendizagens, o que significa acompanhar o aprendiz em seu desenvolvimento (Abrahão, 2008, p. 100).

Esse tópico da avaliação formativa é centrado no próprio professor e focado em perguntas como: O que fazer e como fazer para que os alunos aprendam? Como fazer para que os alunos superem suas dificuldades? O que fazer para que os alunos avancem em seu processo de construção de aprendizagem? Essas perguntas ajudam o docente a estar em constante superação da sua prática (Perrenoud, 1999). A regulação da aprendizagem tem uma característica de estar sempre em diálogo com a prática docente em sala de aula, à medida que possui a característica de dialogar com a individualidade de cada contexto em sala. Os ajustes são realizados conforme o entendimento do professor, no decorrer do ensino-aprendizagem e é sempre importante citar que precisa ser instigado no aluno o desejo da superação dos desafios, para que esse avance em seu aprendizado na sala de aula (Varier, 2015).

Por fim, há o feedback, que ao se tratar de Avaliação Formativa é a etapa mais importante do processo, pois é o momento em que os alunos obtêm retorno das atividades que realizaram. Mais importante, o professor demonstra para o estudante seus erros e acertos com relação aos conteúdos ministrados e, de acordo com Moraes (2011, p. 252), “[...] por que, o que faltou, qual o caminho que deve ser percorrido” sempre numa relação horizontal com seu professor.

De acordo com Varier (2015), para acontecer um feedback efetivo alguns passos precisam ser seguidos: em primeiro lugar é importante que os estudantes tenham consciência do que se refere uma boa performance em termos de aprendizado e do necessário para alcançá-la. Para além disso, é fulcral que os estudantes tenham acesso a escritos ou documentos que lhes deem a noção do que precisa ser alcançado ao fim das aulas ou dos períodos planejados. Como um próximo passo, os estudantes devem ter facilitadas suas próprias noções do que é uma avaliação e desenvolver as habilidades necessárias para conseguirem avaliar a si próprios ou conduzir com autonomia a sua aprendizagem.

Ainda nesse ínterim, dentro do feedback e da Avaliação Formativa, os alunos precisam fazer atividades em que tenham noção de suas fraquezas e debilidades, mas não somente isso, precisam ter noção dos passos necessários e das ferramentas corretas para superá-las (Idem). Ao fim, eles devem produzir atividades que lhes trarão percepção de seus avanços (Ibidem).

Então, os passos para uma efetiva Avaliação Formativa são:

Figure 1. Diagrama dos tópicos constituintes da Avaliação Formativa.



Fonte: Os autores (2020).

Notamos, então, que a Avaliação Formativa é contínua, com participação de estudantes e professores em sua estrutura. A avaliação não pode ser entendida somente como um dos penduricalhos da burocracia educacional, mas deve ser encarada como uma ferramenta na qual ambos, alunos e professores, consigam organizar seu ensino-aprendizagem de maneira conjunta e, principalmente, colaborativa.

AVALIAÇÃO E FORMAÇÃO NA SALA DE AULA

A avaliação tradicional que vigora nas instituições, atualmente, é restritiva, porque ao invés de promover o pensamento crítico promove segregações que anulam o sentimento de pertencimento do discente, além de aumentar o distanciamento entre eles e a evasão escolar. Vemos que exigir de todos os estudantes que expressem e demonstrem conhecimento da mesma maneira trata-se de uma relativa injustiça com as diferentes habilidades que compõem o quadro socioeducativo (Perrenoud, 1999). O referido autor aponta que desprezar outros conhecimentos, bem como outras formas de os produzir, apresenta-se de forma negativa no processo pedagógico. Afinal, a vida cotidiana nos exige diversas habilidades que as avaliações tradicionais não são capazes de nos oferecer

digamos primeiramente que as competências requeridas na vida cotidiana não são desprezíveis, pois uma parte dos adultos, mesmo entre aqueles que seguiram uma escolaridade básica completa, permanece bem despreparada diante das tecnologias e das regras presentes na vida cotidiana. Dessa forma, sem limitar o papel da escola a aprendizagens tão triviais, pode-se perguntar: de que adianta escolarizar um indivíduo durante 10 a 15 anos de sua vida se ele continua despreparado diante de um contrato de seguro ou de uma bula farmacêutica? (Perrenoud, 1999, p. 02).

Por esta perspectiva, percebemos que existem diferentes aspectos que precisam ser avaliados, que não somente a capacidade de o aluno reproduzir informações prontas,

memorizadas, que não lhe oferecem oportunidade de construir um raciocínio crítico ou mesmo refletir sobre tais informações. De acordo com Guerra (2017), a utilização de métodos avaliativos diferentes dos tradicionais, tais como provas escritas e trabalhos complexos, não é comum, pois as instituições têm o costume de pré-definir os rumos das avaliações durante o semestre, de modo que se um docente decide inovar e trabalhar com outro método avaliativo, geralmente essa é uma decisão individual.

Durante a observação de uma aula no Instituto Federal da Bahia, campus de Vitória da Conquista, percebemos que a professora tentava introduzir uma nova perspectiva de avaliação, diferente dos testes e provas tradicionais. Ela apresentou atividades lúdicas envolvendo músicas e jogos e também seminários de outra natureza. Ao ser questionada se a instituição define os tipos de avaliação que devem ser utilizados, a docente respondeu:

Não. É a cargo professor. São três avaliações por unidade, sendo que o aluno que tiver direito a uma segunda chamada ele pode. O aluno que não alcança nota e tiver dentro do critério das paralelas, pode fazer a paralela. Mas não é determinado que tipo de avaliação vai ser, depende muito da disciplina, do professor, do que fazer (Transcrição de entrevista realizada no dia 05/03/2020 — professora Caractere).

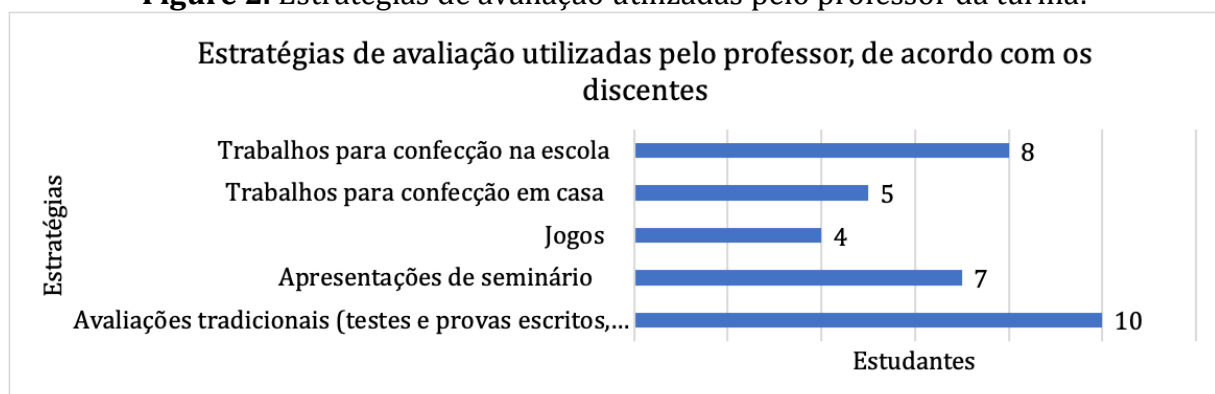
Como exposto por Guerra (2017), ainda existe um grande desafio nas escolas em relação aos processos avaliativos, porque muitos deles trazem em sua base modelos de avaliação pré-definidos. De acordo com a professora Caractere, existe essa liberdade na sua instituição, que é aproveitada para o docente desenvolver diferentes tipos de avaliação:

Eu, particularmente procuro variar, deixo uma atividade em dupla, alguma atividade em grupo, uma processual que seja das atividades desenvolvidas ao longo da unidade e eu sempre faço uma atividade individual, porque tem que ter um momento em que ele tem que pôr tudo isso junto e demonstrar que alguma coisa ficou. Então, às vezes eu faço mais de três, porque, por exemplo, essa notinha do processual vai ser atividade que vão pra além das atividades da unidade, ela fecha uma quarta nota. Então, às vezes ela é a terceira nota, e às vezes ela é uma quarta nota (Transcrição de entrevista realizada no dia 05/03/2020 — professora Caractere).

O trecho de entrevista evidenciado acima nos aponta que a professora se preocupa em apresentar uma avaliação que ofereça outras oportunidades para os discentes demonstrarem o seu conhecimento.

Os discentes, quando questionados sobre os tipos de avaliação realizados em sala de aula, disseram que a docente, apesar de apresentar avaliações inovadoras, utiliza também os métodos tradicionais de avaliação, conforme demonstra a figura 2, cujas barras azuis correspondem a quantidade de alunos que marcaram as alternativas contidas no questionário:

Figure 2. Estratégias de avaliação utilizadas pelo professor da turma.



Fonte: Os autores (2020).

Na figura 2 observamos que todos os alunos (10) marcaram que a professora realiza avaliações tradicionais e a maioria apontou que existem apresentações de seminário e trabalhos para confecção na escola e mesmo de maneira mais discreta, apareceram outras opções como jogos e trabalhos para confecção em casa. Assim, podemos notar que existe tentativa por parte da professora de promover diversificação dos métodos de avaliação.

De acordo Perrenoud (1999) e Luckesi (2004), há um estigma em relação à avaliação tradicional, vista como o sistema que classifica. Talvez a falta de entendimento para as estratégias — Trabalhos para confecção em casa e Jogos — enquanto avaliação, pode ter sido o motivo de não serem os mais votados. Percebemos que as respostas dos discentes e docentes não se contradizem.

Luckesi (2005) apresenta uma perspectiva diferente do que comumente chamamos de “avaliação”. O referido autor afirma que “avaliação” tradicional escolar se trata de “exame”, porque existe o objetivo sumário de examinar se as informações foram retidas durante um período, seja esse um bimestre, trimestre ou outro espaço temporal estipulado pela instituição. Para Luckesi (Idem), avaliação é mais que simplesmente conferir ou examinar informações retidas, ao passo que avaliar significa dar oportunidade de o aluno demonstrar seus conhecimentos ou mesmo de construí-los durante a realização da avaliação.

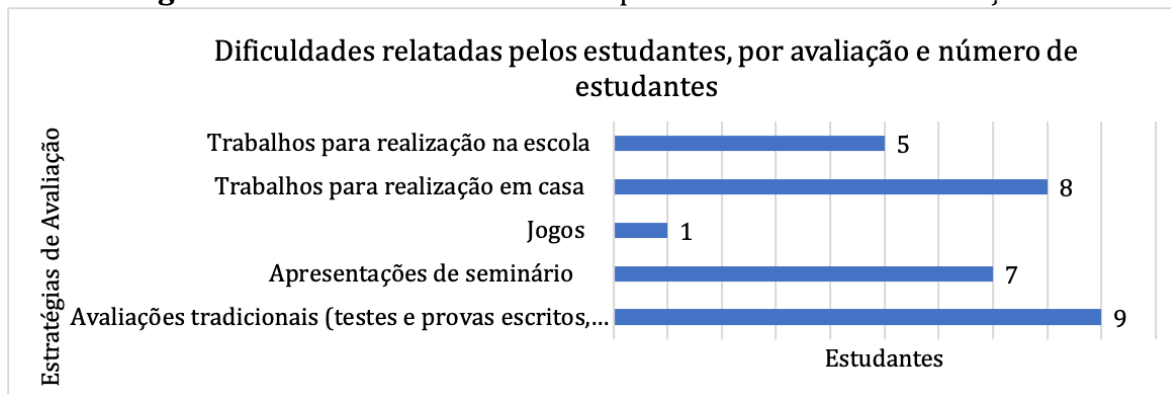
As atividades realizadas pela professora Caractere ressaltaram o interesse em apresentar novas possibilidades na construção do conhecimento, utilizando trabalhos com ludicidade, conceito discutido, também, por Luckesi (2004), o qual refere a liberdade e está relacionado à natureza do ser humano. Promover a ludicidade em sala significa promover as relações pessoais, a diversão e a interação. Os trabalhos artísticos que observamos naquele momento, como forma de avaliação promovida pela professora, demonstram esse aspecto. Não só os trabalhos que envolvem artes, mas também atividades como seminários que produzem conhecimento e colocam os próprios alunos para trabalharem junto aos colegas, respeitando preceitos pedagógicos, além de colocá-los para interagir, os deixam responsáveis por sua própria aprendizagem.

Percebemos o nível de produtividade das atividades apresentadas em sala quando observamos o seguinte depoimento da professora:

Então eu já usei seminários. Eu uso muito aquela questão do mini ms teacher, então, a gente trabalhou um tópico e agora vamos criar uma atividade. Então, o próprio aluno vai elaborar uma atividade e vai aplicar para os colegas. Então um grupo está elaborando uma atividade e aplica a atividade para os colegas. Ele aprende duas vezes, porque ele aprende na hora que elabora e aprende na hora que está corrigindo com os colegas. Eles fazem isso muito bem. Eu uso muito, porque primeiro é muito produtivo para os alunos, segundo é muito interessante para mim também (Transcrição de entrevista realizada no dia 05/03/2020 — professora Caractere).

Observamos durante as aulas que para além dos métodos tradicionais de avaliação, tais como provas e seminários, a professora Caractere solicitava atividades avaliativas para casa, ou mesmo para realização em sala, que mobilizavam outros conhecimentos e habilidades dos alunos, tais como atividades artístico-lúdicas ou sinestésicas, como atividades musicais. Em tais atividades foi observado, de acordo com a docente, que houve melhor engajamento dos alunos, inclusive com melhora relativa nas notas. Além disso, percebemos tal fato, também, no depoimento dos discentes, quando esses foram indagados sobre suas dificuldades na realização das avaliações propostas, como podemos perceber no seguinte gráfico, cujas barras azuis correspondem à quantidade de alunos que marcaram as modalidades de trabalho que apresentavam dificuldade:

Figure 3. Dificuldades encontradas pelos estudantes nas avaliações.



Fonte: Os autores (2020).

Na figura 3, nove (9) alunos disseram sentir dificuldades com as avaliações tradicionais realizadas em sala. De acordo com Luckesi (2004), as avaliações tradicionais ainda são o grande obstáculo, porque estão centradas na figura do professor e no sistema de ensino, não no aluno.

Os discentes (nove ao todo) também relataram dificuldades com os trabalhos que deveriam ser realizados em casa. É importante pontuar que esses trabalhos — listas de exercícios ou os citados projetos que utilizam de Artes Visuais, aliados à Língua Inglesa — eram realizados individualmente. Para discutir esta questão precisaremos retomar o conceito de Avaliação Formativa e lembrar duas palavras-chave que utilizamos no decorrer de sua definição, que são: interação e feedback. Vimos no decorrer da presente pesquisa que a interação e o feedback fazem parte do processo formativo da avaliação, pois por meio da primeira os alunos mantêm contato entre si, auxiliando uns aos outros na troca de conhecimentos e construção conjunta do seu aprendizado, ao passo que no feedback eles podem ter os resultados retornados com possíveis pontos de melhora. Assim, constatamos que a dificuldade com trabalhos para serem realizados fora da escola pode estar relacionada à ausência de interação entre os alunos, ou com a professora para troca de conhecimentos, principalmente se resgatarmos um conceito já trabalhado que seria a importância da interação para desenvolvimento das linguagens.

Percebemos, durante a observação de aulas, que a professora desenvolveu algumas atividades que utilizavam das técnicas interação e feedback, a exemplo da mini ms teacher. Essa atividade realizada em aula pela professora Caractere fez com que os alunos elaborassem uma apresentação e atividades para os discentes. Assim, vemos que ao promover a interação os alunos puderam, inclusive, perceber erros dos colegas e também erros que eles poderiam cometer quando estão ensinando. A professora, quando indagada sobre as dificuldades de realização de tarefas individuais, afirmou procurar trabalhar em duplas em determinados momentos, conforme citação abaixo:

Mas a nota foi maravilhosa, por quê? Porque ele demonstra o conhecimento dele na interação com o outro, quando ele ajuda o outro, quando ele mostra o outro qual caminho chegar à resposta, ele chegava à resposta certa [...] Eu falei para ele, que tinha observado que ele tira nota tal e depois. E ele falou que era verdade, que ele tinha esse problema. Porque eu fiz isso? Porque querendo ou não, nós professores a gente está presa a uma caderneta que se entrega e eu ia ficar muito triste de ver a média dele baixa quando eu sabia que ele tinha condições de tirar uma média melhor. Então foi uma coisa que eu fiz em uma unidade que não teve avaliação individual em si, porque ele merecia ser contemplado e que ele se confronta com esse problema para procurar ajuda, porque afinal de contas a vida vai testar ele [...] (Transcrição de entrevista realizada no dia 05/03/2020 — professora Caractere).

De acordo com Luckesi (2005) e Guerra (2017), a interação engaja os alunos, assim, um ambiente propício para tal interação os estimula a cooperar entre si, da mesma maneira que oferece ao professor a oportunidade de observar a situação onde o conhecimento está sendo compartilhado e interferir nesse processo. Para além da interação, constatado o sucesso de tal atividade, perguntamos à docente se ela conhecia o conceito de Avaliação Formativa e a docente nos respondeu:

Eu acredito que o que você chama de tradicional, está dentro daquele modelo: eu tenho um assunto que eu trabalhei e meu produto é que meu aluno responda aquilo do jeito correto, tem muito a ver com números. E a formativa tem mais a ver com o desenvolvimento de habilidades [...] (Transcrição de entrevista realizada no dia 05/03/2020 — professora Caractere).

Posteriormente, a professora Caractere não aprofundou o conceito, no entanto, podemos observar pelo trecho da fala acima - A formativa tem mais a ver com o desenvolvimento de habilidades - que há a noção da importância do conceito de desenvolvimento de habilidades mediante a avaliação. Entretanto, para aprofundarmos nessa discussão, é importante observar a continuação desta fala:

Eu penso em formativa no sentido assim: o que eu estou trabalhando com eles e eles podem aplicar e adaptar na vida. Eles podem usar, por exemplo, uma estratégia de leitura que não se lê aqui para ler outras coisas que não seja só inglês, para usar só com texto em português como a gente faz muito no início, que é de uma área totalmente diferente, você fica achando que está lendo alemão e você conseguir usar essas mesmas estratégias, ampliar (Transcrição de entrevista realizada no dia 05/03/2020 — professora Caractere).

A professora deixa claro que trabalha a perspectiva de desenvolver habilidades nos alunos, inclusive de maneira interdisciplinar, quando cita, de maneira clara: “Eles podem usar, por exemplo, uma estratégia de leitura que não se lê aqui para ler outras coisas que não seja só inglês”, demonstrando que as habilidades que podem ser aprendidas, naquele momento, sejam úteis para outros momentos da vida e em outras disciplinas que não somente inglês. A Avaliação Formativa, de acordo com Guerra (2017), não pode ficar restrita na escola a um corpo pequeno de professores que a utilizam de maneira isolada em determinadas turmas. De acordo com a autora, seria mais produtivo para a produção do conhecimento que essa fosse uma prática conjunta, que fizesse parte do planejamento escolar e que fosse oferecida aos professores a possibilidade de intercambiar ideias e possibilidades de trabalho para reconfiguração de suas avaliações.

Embora nesta atividade, correspondente ao que foi dito anteriormente pela professora Caractere, esteja sendo abordada especificamente a leitura, observamos durante a aula da professora duas atividades que demonstram e ressaltam o caráter formativo de algumas das avaliações realizadas por ela. Observamos, em ambas, a construção de aprendizado do aluno. A primeira tarefa foi a correção de uma atividade em seminário que possuía a seguinte dinâmica: - Os alunos responderam previamente uma lista de exercícios em casa como atividade; - Para correção das atividades, a professora dispôs algumas cadeiras na frente da classe, onde sentariam alguns alunos; - A partir desse momento os alunos seriam responsáveis pela correção dos exercícios uns dos outros (com supervisão da professora), o grupo que está sentado nas cadeiras na frente da sala deveria responder, e os demais alunos deveriam conferir as respostas e promover esta troca.

Tal atividade se enquadra em uma perspectiva formativa de avaliação porque os alunos estão a todo momento utilizando mecanismos da avaliação formativa citados por Perrenoud (1999). Percebemos que à medida que os estudantes corrigem e auxiliam os colegas, eles mesmos conseguem aprender de diferentes formas, pelo próprio esquema de autorregulação

da aprendizagem, quando alcançam uma construção conjunta do aprendizado e podem perceber os seus erros, inclusive no momento que estão em posições diferentes, por exemplo, quando o grupo expositor for o grupo corretor.

Esses alunos também aprendem por meio da perspectiva do feedback, em que podem ter a resposta no mesmo momento sobre quais alternativas estão erradas, para que as possa corrigir. De igual modo, em face da supervisão da professora, a regulação da aprendizagem acontece porque a docente pode interferir, se houver percepção de que algo está fora do planejado, ou até readaptar as dinâmicas para o que considera conveniente e melhorar o aprendizado.

Durante a realização das provas escritas, os estudantes se demonstraram bastante eufóricos e nervosos antes da realização de tais avaliações, devido ao próprio estigma que tal formato de avaliação possui em termos de dificuldade em sua realização. Podemos observar, de acordo com Perrenoud (1999), que:

- 1 A avaliação frequentemente absorve a melhor parte da energia dos alunos e dos professores e não sobra muito para inovar.
- 2 O sistema clássico de avaliação favorece uma relação utilitarista com o saber. Os alunos trabalham “pela nota”: todas as tentativas de implantação de novas pedagogias se chocam com esse minimalismo.
- 3 O sistema tradicional de avaliação participa de uma espécie de chantagem, de uma relação de força mais ou menos explícita, que coloca professores e alunos e, mais geralmente, jovens e adultos, em campos opostos, impedindo sua cooperação (p. 35).

A citação acima nos demonstra de maneira muito clara que as avaliações tradicionais são construídas ao redor da ideia de criação de hierarquias e da pressão sobre os alunos de apresentar notas satisfatórias ao fim do período, seja bimestre, trimestre ou semestre. Em nossa observação, notamos que na tentativa de obter boas notas, os alunos dessa turma demonstraram muito desconforto, comportamento diferente do observado na realização das outras avaliações, como a mini ms teacher, que era integrante do planejamento de avaliações da professora. Podemos observar ainda pelo gráfico da figura 3 que 9, dos 10 alunos, relataram dificuldades com avaliações do modelo tradicional. Esse resultado demonstra a importância de balancear as avaliações escolares com outros modelos de avaliação para manter o estímulo dos estudantes, o que contribui positivamente para o seu aprendizado.

Pudemos observar, por esse panorama, que a Avaliação Formativa traz bons resultados na aula da professora Caracere e que os alunos, em geral, respondem bem a esse tipo de avaliação, tanto em termos de resultados, quanto num bom relacionamento com a professora. Assim, a Avaliação Formativa pode se configurar como uma importante ferramenta pedagógica para que a escola mantenha os alunos motivados a aprenderem os conteúdos necessários de maneira construtiva e conjunta.

CONCLUSÃO

Observamos que tem surgido a necessidade da adoção de novas perspectivas teóricas que versam sobre diferentes métodos de lidar com a avaliação e o ensino. Isso porque além de avaliar o trabalho que foi realizado, o que é muito importante para a continuação do processo de ensino-aprendizagem, é necessário pensar uma maneira em que tal avaliação ocorra de forma justa, que abarque outras habilidades dos estudantes e que esses aprendam durante a realização das atividades avaliativas. Do mesmo modo, para que o aprendizado de Língua Inglesa ocorra de maneira ativa, é necessário mobilizar diferentes habilidades durante sua efetivação, não sendo somente a escrita e/ou leitura, mas, também, fala e audição.

Trabalhar com a perspectiva da Avaliação Formativa é uma medida importante, já que essa avaliação possui mecanismos capazes de demonstrar, tanto para o professor, quanto para os alunos os pontos que precisam ser melhorados, o quanto foi alcançado até aquele momento, considerando-se que a avaliação é um processo contínuo que faz parte do percurso de ensino-aprendizagem. Entre os elementos que merecem destaque, um dos pontos é justamente fazer com que os discentes estejam em constante interação, porque interagir é o ponto mais importante dessa modalidade avaliativa.

De acordo com as opiniões da docente e dos sujeitos desta pesquisa, vimos que ambos se beneficiaram da Avaliação Formativa, pois tal modalidade de avaliação além de promover a interação, potencializando o aprendizado, promove uma atmosfera colaborativa que envolve professores e alunos. Tal interação gera bons resultados, o que pode motivar a continuidade do estudante na escola, diminuindo evasão, gerando autoestima e, não menos importante, fornecendo ao professor um resultado efetivo sobre sua prática, possibilitando-lhe modificá-la em tempo hábil, o que nos mostra que tanto docentes quanto discentes podem se beneficiar da Avaliação Formativa.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por acolher este estudo no âmbito de suas atividades científicas e por investir em pesquisas de educação com temas propositivos e inovadores para a sociedade como um todo.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Ambos os autores contribuíram igualmente para o desenvolvimento de cada etapa do trabalho.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

Abrahão, M. H. (2018). Professores e alunos: aprendizagens significativas e comunidades de práticas educativas. EDIPUCRS.

Biesta, G. (2012). Boa educação na era da mensuração. *Cad. Pesqui.*, 42(147), 808-825. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000300009>.

Brito, C. D. A. S. & Nunes, C. P. (2020). The intensification of teaching work in the context of the commercialization of higher education in Brazil. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 1(1), e11420. <https://doi.org/10.20952/jrks1111420>

Brasil (1996). Lei nº 9.394, de 24 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Duarte, A. W. B. & Oliveira, D. A. (2014). Valorização profissional docente nos sistemas de ensino de Minas Gerais e Pernambuco. *Revista Praxis Educacional*, 10(17), 67-97. <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/780>

- Freitas, M. A. S. (2005). Práxis pedagógica e professores intelectuais: refletindo as tensões e concepções da formação/prática docente. *Revista Práxis Educacional*, 1(1), 135-150. <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/485>
- Guerra, N. G. (2017). Avaliação formativa: um estudo de práticas inspiradoras no ensino fundamental I de uma escola estadual de São Paulo. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Haydt, R. C. C. (1997). Avaliação do processo ensino – aprendizagem. 6ª ed. São Paulo: Ática, p. 292-293.
- Ilha, F. R. S. & Hypolito, Á. M. (2014). O trabalho docente no início da carreira e sua contribuição para o desenvolvimento profissional do professor. *Revista Práxis Educacional*, 10(17), 99-114. <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/781>.
- Lopes, L. P. da M. (2008). Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia lingüística para tempos híbridos. *DELTA*, São Paulo, 24(2), p. 309-340.
- Luckesi, C. C. (2005). Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 17. Ed. São Paulo: Cortez.
- Luckesi, C. C. (2004). Estados de consciência e atividades lúdicas, in Bernadete de Souza Porto (Org.), *Educação e Ludicidade – Ensaio 3*, GEPEL/FACED/UFBA, p. 11-20.
- Melo, É. S. de & Bastos, W. G. (2012). Avaliação escolar como processo de construção de conhecimento. *Estudos em Avaliação Educacional*, 23(52), 180-195. <http://dx.doi.org/10.18222/ea235220121936>.
- Perez, M. C. A. (2020). Infância e escolarização: discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola. *Revista Práxis Educacional*, 8(12), 11-25. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/684>
- Perrenoud, P. (1999). Avaliação: da excelência à regularização das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre, Artmed.
- Piaget, J. (2003). Seis estudos de psicologia. Tradução Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Santanna, I. M. (1995). Por que avaliar? Como avaliar? Rio de Janeiro, Vozes.
- Varier, D. (2015). A Case Study Examining Formative Assessment in a Postsecondary English Language Program. 2015. 150 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Virginia Commonwealth University, Richmond.
- Vygotsky, L. S. (1994). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.